

PADRÃO LOCACIONAL E FATORES DIFERENCIAIS-ESTRUTURAIS NA DISTRIBUIÇÃO SETORIAL DO EMPREGO NAS REGIÕES DO BRASIL (1985 A 2000)

Jandir Ferrera de Lima

Ph.D. em Desenvolvimento Regional pela Université du Québec (UQAC)- Canadá. Professor adjunto do Colegiado de Economia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Toledo. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC). Pesquisador Associado do GRIR-UQAC. E-mail: jandir@unioeste.br ou jandirbr@yahoo.ca

Lucir Reinaldo Alves

Mestrando em Desenvolvimento Regional na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Toledo. Bolsista de projetos de pesquisa e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC). E-mail: lucir_a@hotmail.com

Carlos Alberto Piacenti

Doutorando em Economia Aplicada na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professor do Colegiado de Economia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Toledo. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC). E-mail: piacenti8@yahoo.com.br

Resumo:

Este artigo analisa o padrão de localização do emprego nos setores econômicos das regiões brasileiras no período de 1985 a 2000. O método de análise é o shift-share em conjunto com medidas de especialização e localização. Os resultados demonstram que houve transformações consideráveis na distribuição setorial do emprego na economia brasileira no final do século XX. Essas transformações não foram maiores em função da fragilidade macroeconômica da economia nacional e o movimento da economia internacional, sem contar os problemas energéticos que afetaram diretamente o Nordeste e o Sudeste do Brasil. A dinâmica setorial do emprego nas regiões brasileiras demonstra que uma nova espacialização da economia está em curso no Brasil.

Palavras-chave: Análise Regional, Desenvolvimento Regional, Economia Regional, Economia do Trabalho.

1 - INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a localização e o desempenho setorial do emprego nas regiões brasileiras, no período de 1985 a 2000. Essa análise será útil na identificação dos setores mais dinâmicos na atração de novos postos de trabalho e sua localização espacial.

Para analisar a dinâmica regional é preciso conhecer a estrutura de uma região, determinar os seus potenciais econômicos, a sustentabilidade ambiental da sua capacidade produtiva, as condições de infra-estrutura e os setores passíveis de receberem novos investimentos. Em suma, verificar as condições da sua dinâmica de crescimento e de desenvolvimento econômico regional. Além disso, na análise da dinâmica regional, a região está relacionada à idéia que áreas geográficas são um conjunto único em virtude de suas características. Estas características são as estruturas de produção, padrões de consumo, distribuição da força de trabalho, elementos culturais, sociais e políticos. Para Ferrera de Lima et. all (2006), a articulação espacial da região se faz pelo processo social como determinante, a rede de comunicação e de lugares. Essas articulações deverão possibilitar que o espaço delimitado como região tenha uma identidade regional. Esta identidade é uma realidade constituída ao longo do tempo pela sociedade que aí se formou.

De acordo com Desbiens e Ferrera de Lima (2004), essas dimensões impactam na organização do espaço e mudam a dinâmica estrutural da produção setorial. Por isso, essa análise busca compreender, através dos métodos de análise regional, o comportamento do emprego nos setores produtivos e como eles mudam ao longo das regiões.

Deve-se ressaltar que esta análise apresenta-se como uma interpretação alternativa da dinâmica setorial do emprego nas regiões brasileiras, no que diz respeito à reorganização das suas atividades produtivas e sua influência na especialização espacial. Nesse sentido, as medidas de localização e especialização revelam o grau de importância de cada setor e a diversificação oferecida por cada região frente à economia brasileira.

2 – ELEMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Para a análise utilizou-se o método *shift-share* e algumas medidas de localização e especialização. A variável foi o número de empregados, distribuídos regionalmente por

setores. Pode-se pressupor que os setores mais dinâmicos empregam mais mão-de-obra no decorrer do tempo. Além disso, mais ocupação da mão-de-obra reflete-se em mais salários, e conseqüentemente na geração e distribuição da renda regional, o que estimula o consumo e conseqüentemente a dinâmica da região.

Os dados sobre o número de empregados foram coletados no banco de dados da Relação Anual das Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho do Brasil (MTE). Os setores foram agrupados da seguinte forma: indústria, construção civil, comércio, serviços e agropecuária. A construção civil e o comércio foram desmembrados do setor terciário, em virtude da importância que os mesmos assumem em algumas economias, principalmente as periféricas, pois eles são empregadores em potencial de mão-de-obra de baixa qualificação. Assim, o seu dinamismo tem um impacto social maior nas regiões que possuem as mais baixas taxas de qualificação e escolarização, como a região Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil. O período-base de análise foram os anos de 1985, 1990, 1995 e 2000.

As medidas de especialização e de localização e o método *shift-share* permitem o conhecimento dos padrões do crescimento econômico da região e suas sub-regiões. Particularmente, as medidas de localização (Quociente Locacional e Coeficiente de Redistribuição) são de natureza setorial e se preocupam com a localização do emprego nos setores entre as regiões, ou seja, procuram identificar padrões de concentração ou dispersão do número de empregados num determinado período. As medidas de especialização (Coeficiente de Especialização e o Coeficiente de Reestruturação) concentram-se na análise da estrutura produtiva de cada região, fornecendo informações sobre o grau de especialização das economias regionais.

Além disso, essas medidas, ao utilizar o peso relativo do número de empregados, anulam o efeito “tamanho” das regiões, ou seja, as perturbações introduzidas nos estudos comparativos pelas disparidades de dimensões das regiões (Pumain e Saint-Julien, 1997). Nesse caso, o coeficiente de correlação seria sempre elevado e positivo. A solução para evitar o “efeito tamanho” consiste na comparação dos valores relativos. Por isso, os indicadores de análise regional são ferramentas cômodas e confiáveis para o tratamento de variáveis distribuídas em unidades espaciais de tamanhos diferentes. No geral, eles dão uma medida da importância relativa de uma modalidade ou categoria numa região, comparando o seu “peso” ou participação nas outras regiões.

Para a estimativa das medidas, têm-se as seguintes equações:

$$E_{ij} = \text{Número de empregados no setor } i \text{ da região } j; \quad (1)$$

$$\sum_j E_{ij} = \text{Número de empregados no setor } i \text{ de todas as regiões}; \quad (2)$$

$$\sum_i E_{ij} = \text{Número de empregados em todos os setores da região } j; \quad (3)$$

$$\sum_i \sum_j E_{ij} = \text{Número de empregados em todos os setores e todas as regiões.} \quad (4)$$

A partir das equações (1, 2, 3, e 4) organiza-se o Quadro 1, que sintetizam as medidas de localização/especialização e seu padrão de análise.

Quadro 1 - Descrição do Padrão de Análise das Medidas de Localização e Especialização.

Indicador	Equação	Interpretação dos Resultados
Quociente Locacional (QL)	$QL = \frac{E_{ij} / \sum_j E_{ij}}{\sum_i E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij}}$	QL ≥ 1 / Localização significativa 0,50 ≤ QL ≤ 0,99 / Localização média QL ≤ 0,49 / Localização fraca
Coefficiente de Especialização (CE)	$CE = \frac{\sum_i \left(\left(E_{ij} / \sum_i E_{ij} \right) - \left(\sum_j E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij} \right) \right)}{2}$	Próximo a 0 = Diversificação significativa Próximo a 1 = Especialização significativa
Coefficiente de Redistribuição (CR)	$CR = \frac{\sum_j \left(\left(E_{ij} / \sum_j E_{ij} \right) - \left(E_{ij} / \sum_j E_{ij} \right) \right)}{2}$	Próximo a 0 = redistribuição locacional não significativa Próximo a 1 = redistribuição locacional significativa
Coefficiente de Reestruturação (Cr)	$Cr = \frac{\sum_i \left(\left(E_{ij} / \sum_i E_{ij} \right) - \left(E_{ij} / \sum_i E_{ij} \right) \right)}{2}$	Próximo a 0 = Reestruturação não significativa Próximo a 1 = Reestruturação significativa

FONTE: Haddad (1989), Costa (2002), Ferrera de Lima (2006).

O *Quociente Locacional (QL)* é utilizado para comparar a participação percentual do número de empregados de uma região com a participação percentual do Brasil. O quociente locacional pode ser analisado a partir de setores específicos ou no seu conjunto. A importância do município no contexto regional, em relação ao setor estudado, é demonstrada quando QL_{ij} assume valores acima de 1. Como o quociente é medido a partir de informações do número de empregados (E), pode-se verificar os setores que possuem possibilidades para atividades de exportação.

O *Coefficiente de Especialização (CEsp)* é uma medida regional. As medidas regionais concentram-se na estrutura produtiva de cada região, fornecendo informações sobre

o nível de especialização da economia num período. Através do coeficiente de especialização, compara-se a economia de uma região com a economia do Brasil. Para resultados iguais a 0 (zero), a região tem composição idêntica à do Brasil. Em contrapartida, coeficientes iguais ou próximos a 1 demonstram um elevado grau de especialização ligados a um determinado setor, ou está com uma estrutura de empregados totalmente diversa da estrutura de emprego nacional.

O *Coefficiente de Redistribuição (CR)* relaciona a distribuição percentual do número de empregados de um mesmo setor em dois períodos de tempo objetivando examinar se está prevalecendo para o setor algum padrão de concentração ou dispersão espacial ao longo do tempo. Seu valor varia de 0 a 1, sendo que quando o coeficiente se aproximar de zero (0) significa que não terão ocorrido mudanças significativas no padrão espacial de localização do setor, o contrário ocorrerá quando o coeficiente se aproximar de um (1).

O *Coefficiente de Reestruturação (Cr)* relaciona a estrutura do número de empregados por região entre dois períodos, ano base 0 e ano 1, objetivando verificar o grau de mudanças na especialização de cada região. Coeficientes iguais a zero (0) indicam que não ocorreram modificações na estrutura setorial da região, e iguais a um (1) demonstra uma reestruturação bem substancial.

2.1 - O Modelo Diferencial e Estrutural ou *Shift - Share*.

O modelo de análise diferencial-estrutural ou *shift-share* demonstra o padrão do crescimento do emprego nas regiões em relação ao Brasil. Dessa forma, é necessário analisar a variação e o deslocamento do número de empregados no período estudado entre os setores. Deve-se ressaltar que na análise diferencial-estrutural será utilizada uma variante do modelo *shift-share* compilado de El Bekri (2000), Lamarche, Srinath e Ray (2003) e Souza e Souza (2004).

Assim, utilizando-se a matriz da distribuição espacial do número de empregados setorial, chega-se à equação a seguir:

$$VLT_{ij} = \left(\begin{matrix} Ano 2 & Ano 1 \\ E_{ij} & - E_{ij} \end{matrix} \right) - E_{ij} \left(\left(\frac{\sum_i \sum_j^{Ano 2} E_{ij}}{\sum_i \sum_j^{Ano 1} E_{ij}} \right) - 1 \right) \quad (5)$$

onde:

VLT = Variação Líquida Total do E.

Ano 1 = 1985 (1990, 1995)

Ano 2 = 1990 (1995, 2000)

E = Número de empregados por setor.

A VLT indicará a diferença entre o valor real do número de empregados entre o ano 1, e o ano 2. Quando seu valor for positivo, significa que houve um incremento relativo do número de empregados face à ocupação nacional. Ao contrário, quando o valor da VLT for negativo, representa uma perda de posição relativa. Com isso, a magnitude do valor positivo demonstra o “peso” significativo do setor na dinâmica do número de empregados das regiões. Nesse sentido, os valores positivos demonstram ganhos e expansões nos desdobramentos do número de empregados. Por isso, os valores positivos demonstram um crescimento desse setor. Vale lembrar que a VLT é a diferença entre a parcela regional com a parcela estrutural. A primeira refere-se aos fatores diferenciais, ou seja, aos elementos locais da dinâmica econômica. Esses elementos locais refletem a especialização regional de um determinado setor (endógeno). A segunda, representa os fatores estruturais, refletindo a composição regional da ocupação (exógenos). Assim, essa diferença entre a composição regional e a estrutural recebe o nome de efeito total, ou seja, variação líquida total. Dada essa característica, o modelo diferencial-estrutural apresenta o padrão e a fonte do crescimento setorial local ou regional.

A parcela regional e a parcela estrutural, ou seja, os fatores endógenos e exógenos supracitados, podem ser calculados separadamente a partir da decomposição da VLT em duas parcelas. Essas parcelas recebem o nome de variação líquida diferencial, ou regional (VLD), e variação líquida estrutural (VLE).

Segundo El Bekri (2000) o efeito diferencial (VLD) reflete o dinamismo que cada setor possui dentro da região. A VLD parte da constatação de que existem alguns setores que se expandem mais rapidamente que a média nacional do setor. A VLD está representada pela equação 6.

$$VLD_{ij} = E_{ij}^{Ano1} \left(\left(\frac{E_{ij}^{Ano2}}{E_{ij}^{Ano1}} \right) - \left(\frac{\sum_j E_{ij}^{Ano2}}{\sum_j E_{ij}^{Ano1}} \right) \right) \quad (6)$$

onde:

VLD = Variação Líquida Diferencial da E.

Ano 1 = 1985 (1990, 1995)

Ano 2 = 1990 (1995, 2000)

E = Número de empregados por setor.

Assim, a VLD positiva indica os setores mais especializados de cada região. Essa especialização é explicada pela existência de economias de aglomeração de cada região, resultante de um conjunto de elementos que favorecem o crescimento regional, ou seja, possuem vantagens locacionais com respeito a cada setor (Piacenti e Lima, 2002).

Já, o efeito estrutural (VLE) reflete a composição regional da ocupação, concentrada em setores economicamente dinâmicos. A VLE está representada pela equação 7.

$$VLE_{ij} = E_{ij}^{Ano1} \left(\left(\frac{\sum_j E_{ij}^{Ano2}}{\sum_j E_{ij}^{Ano1}} \right) - \left(\frac{\sum_i \sum_j E_{ij}^{Ano2}}{\sum_i \sum_j E_{ij}^{Ano1}} \right) \right) \quad (7)$$

onde:

VLE = Variação Líquida Estrutural da E.

Ano 1 = 1985 (1990, 1995)

Ano 2 = 1990 (1995, 2000)

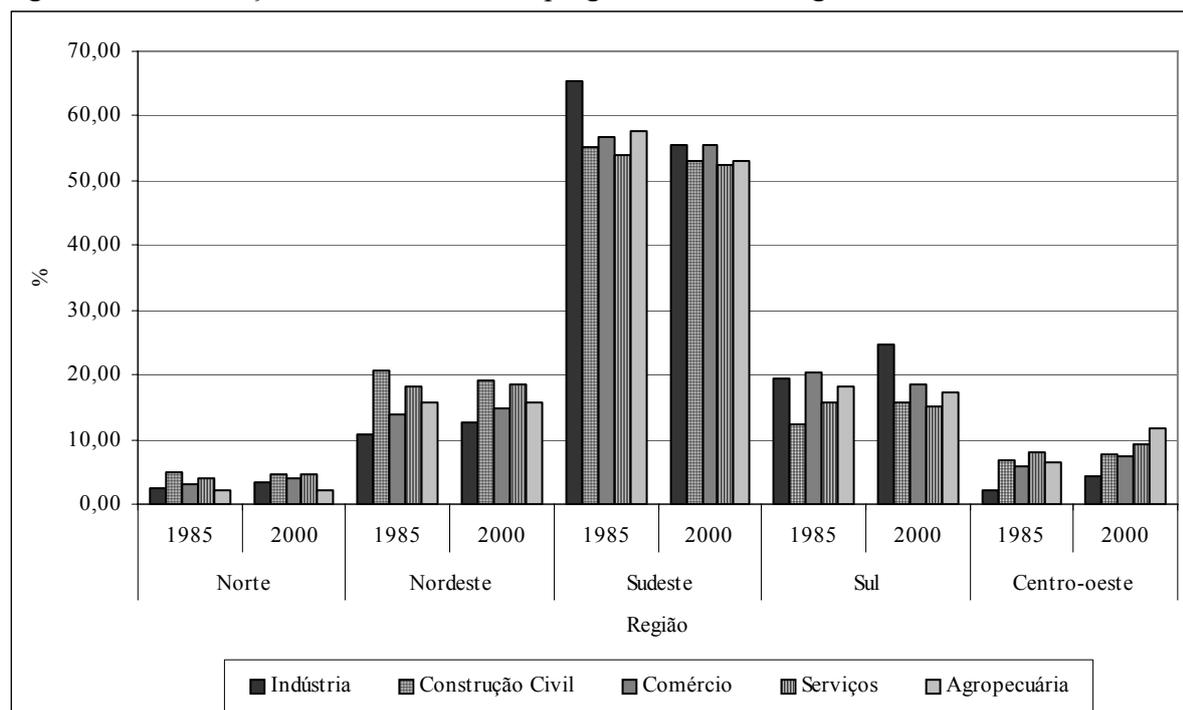
E = Número de empregados por setor.

Dessa forma, uma VLE positiva indica uma concentração da estrutura do número de empregados da região em setores de alto dinamismo, enquanto a VLE negativa indica uma economia baseada em setores não-dinâmicos (Lamarche, Srinath e Ray, 2003).

3 – O PADRÃO DE LOCALIZAÇÃO DO EMPREGO NAS REGIÕES BRASILEIRAS.

A seguir, são apresentados os resultados obtidos com a aplicação da metodologia de análise regional. Na Figura 1, observa-se a distribuição percentual do número de empregados entre as regiões brasileiras.

Figura 1 - Distribuição Percentual dos Empregados entre as Regiões do Brasil – 1985 e 2000

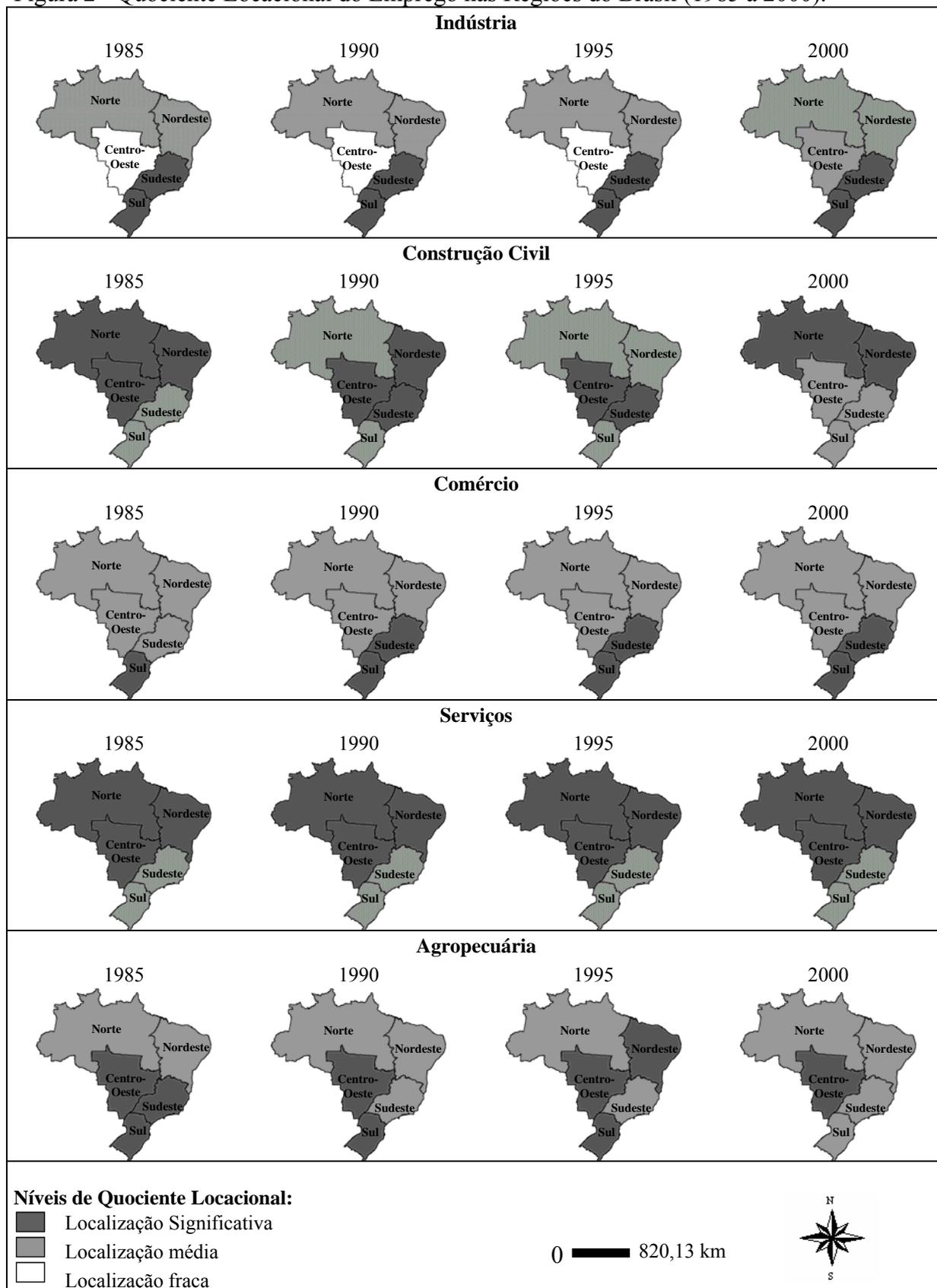


Fonte: RAIS (2005).

Observa-se pela Figura 1 que o maior percentual de empregados está concentrado na região Sudeste, em função da sua densidade demográfica e do nível de urbanização. Nota-se, no entanto, que o percentual de empregados desta região apresentou decréscimos em todas as atividades, principalmente nos setores industrial e agropecuário. A região Centro-Oeste apresentou aumento em todos os setores, com destaque para a agropecuária e indústria. O contrário ocorreu na região Sul, que apresentou aumentos nos setores da indústria e construção civil e decréscimos nos demais. Nas regiões Norte e Nordeste não ocorreram mudanças significativas na força de atração do emprego. Deve-se salientar que as regiões Sul e Centro-Oeste, na década de 1990, aceleraram o processo de agroindustrialização dos seus insumos agropecuários (DINIZ, 2002). O setor de carnes e embutidos, dessas regiões, aumentou sua capacidade instalada e ampliou o seu potencial de exportações com a conquista de mercados na Ásia e Oriente Médio. Essas características podem ter propiciado uma transferência de mão-de-obra do Sudeste para essas regiões.

Na Figura 2, é apresentado o perfil de localização setorial nas regiões brasileiras. Na Figura 2 são apresentados os resultados sintetizados do Quociente Locacional.

Figura 2 - Quociente Locacional do Emprego nas Regiões do Brasil (1985 a 2000).



Fonte: Resultado da Pesquisa

Pela Figura 2, nas regiões Norte e Nordeste foram os setores de construção civil e de serviços os mais significativos no padrão de localização. Nessas regiões, esse setores apresentaram a maior concentração espacial do emprego nessas atividades. Já na região Sudeste e Sul os setores mais significativos foram os da indústria e comércio, com valores > 1. É interessante destacar que o setor industrial do Sul, no ano de 2000, apresentou o maior valor do QL setorial em relação as demais regiões. A explicação para o destaque do setor industrial na região Sul, além da expansão agroindustrial, a partir da década de 1990, foi a expansão da indústria automobilística. Somente o Estado do Paraná acolheu, entre 1994 e 1999, seis montadoras de automóveis e atraiu com elas uma gama de empresas do setor de auto-peças e serviços. Deve-se salientar que a região também conta com um parque industrial diversificado, onde alguns dos setores são: petroquímico, frigoríficos, abatedouros, construção, alimentos, metalurgia, dentre outros (Siqueira e Siffert Filho, 2001).

O setor agropecuário apresentou valores representativos se destacou principalmente na região Centro-Oeste. Nessa região, o setor de serviços também ganhou acompanhou o dinamismo do setor primário. A integração rodo-ferroviária com a região Norte melhorou o escoamento e a rentabilidade da sua produção de grãos na região Amazônica e viabilizou novas áreas para a fronteira agrícola. Como a região Sul, principalmente o Estado do Paraná, vem apresentando uma demanda crescente na cultura de milho, a região Centro-Oeste tornou-se, ao longo dos anos 1990, um fornecedor-exportador intra-regional de grãos e insumos para a estrutura de produção de carnes do Oeste paranaense.

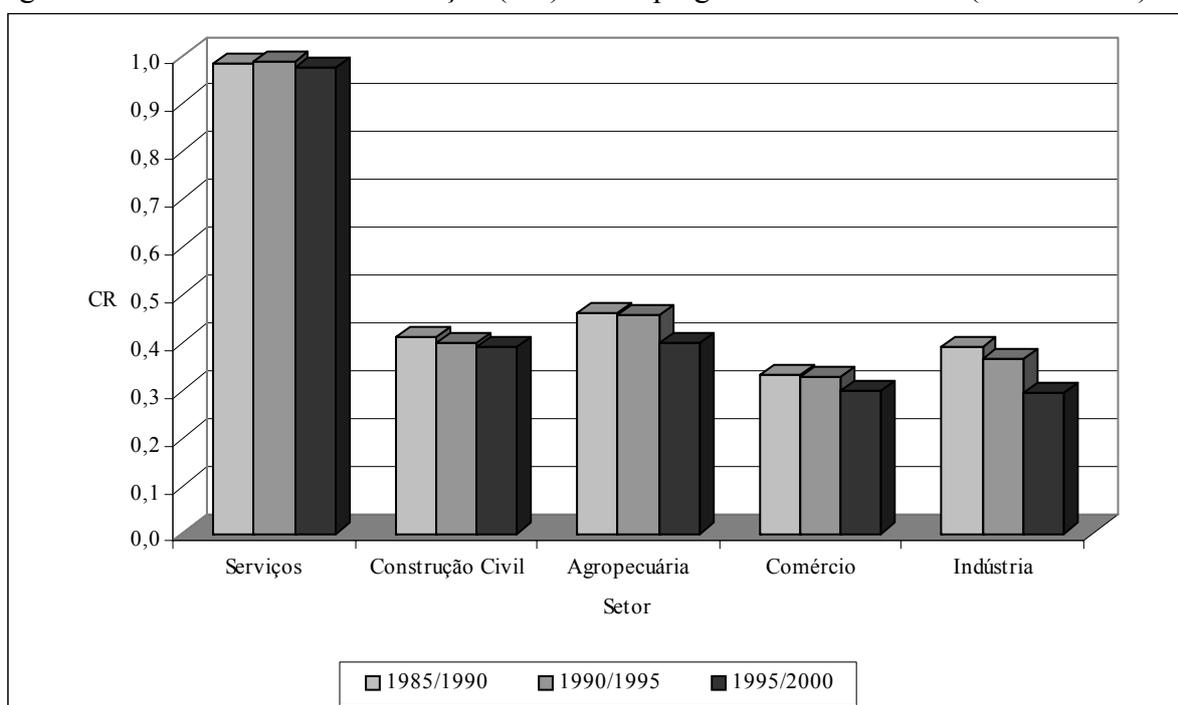
Além disso, a Figura 2 apresenta algumas particularidades: A primeira é o padrão da especialização da indústria e o comércio. Ambos assumem sua localização significativa no centro-sul do Brasil - Sudeste e Sul - demonstrando uma forte associação geográfica, fortalecido a partir de 1990. Da mesma forma, as outras regiões brasileiras convergem para uma localização média do emprego setorial em 2000, demonstrando uma tendência para a desconcentração no século XXI.

O segundo é a estabilidade espacial da localização do setor de serviços. No final do século XX não houve mudanças no seu padrão de localização, apesar das mudanças espaciais em outros setores. Somente em 1985 os serviços tinham o mesmo perfil espacial da construção civil. Assim, o setor de serviços tem uma dinâmica independente dos outros setores favorecendo as regiões no eixo Centro-Leste-Norte-Nordeste, ou seja, as regiões mais periféricas do Brasil. Cada vez mais o setor primário vem estimulando o setor terciário na criação de postos de trabalho. Ambos fortalecem sua associação geográfica.

A terceira particularidade é o perfil da construção civil e da agropecuária. A construção civil tem um padrão de localização significativo nas áreas de fronteira agrícola. No entanto, em 2000 ela concentra-se no Norte e Nordeste. No caso do Nordeste, esse setor sempre teve um forte potencial. Já a agropecuária apresenta um perfil de retração espacial que favoreceu o Centro-Oeste brasileiro, cuja ocupação definitiva está em fase de consolidação.

A Figura 3 apresenta os resultados do coeficiente de redistribuição dos setores em análise.

Figura 3 – O Padrão de Redistribuição (CR) do Emprego Setorial no Brasil (1985 a 2000)

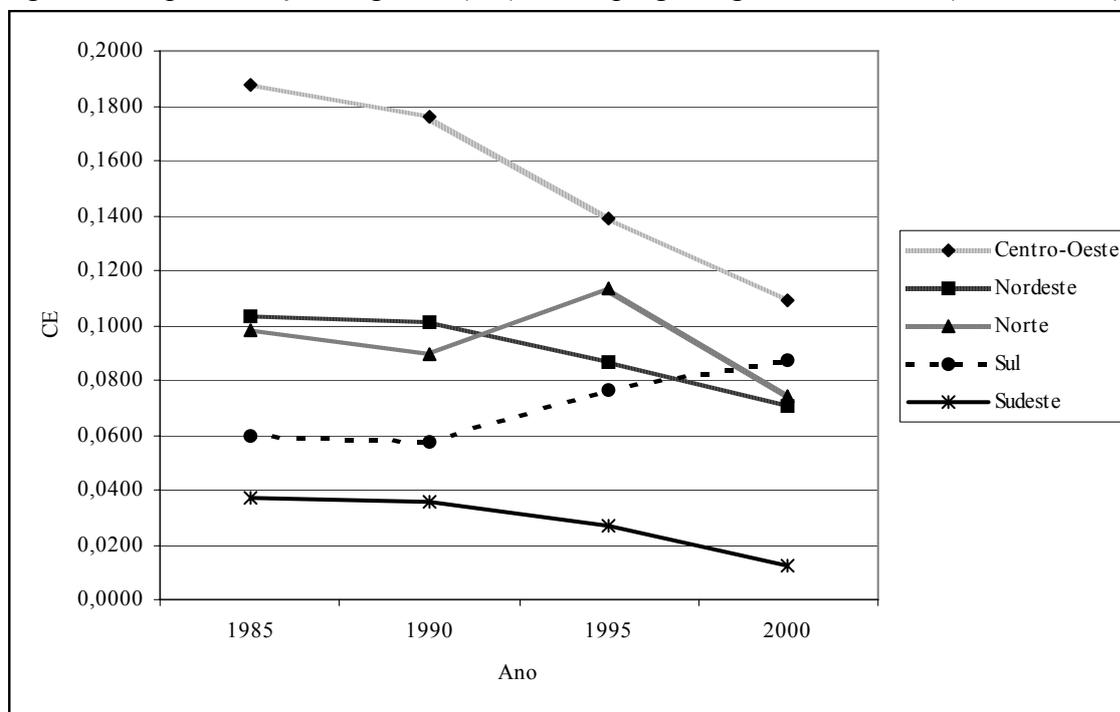


Fonte: Resultados da Pesquisa. Nota: *CR = Coeficiente de redistribuição.

Nota-se pela Figura 3 que os coeficientes de todos os setores apresentaram decréscimos no período analisado. Apesar destes decréscimos os setores de serviços e agropecuário tiveram os coeficientes mais representativos. Isso mostra que esses setores, principalmente o de serviços, apresentaram mudanças significativas em seu padrão espacial. Assim, a economia regional brasileira vem consolidando a especialização do emprego no setor de serviços nas regiões de fronteira agrícola (Norte e Centro-Oeste) e Nordeste, ou seja, nas regiões periféricas. Nesse sentido, a redistribuição do setor de serviços favorece e reforça o “peso” locacional dessas regiões.

Já na Figura 4, é apresentado o coeficiente de especialização, ou seja, o comportamento da especialização do emprego nas regiões em relação ao país.

Figura 4 - Especialização Regional (CE) do Emprego Regional no Brasil (1985 a 2000).



Fonte: Resultado da Pesquisa. *Nota: CE = Coeficiente de especialização.

Pela Figura 4, nota-se que a região Sul chegou ao ano de 2000 como uma das regiões com maior nível de especialização do emprego setorial, convergindo no patamar do Centro-Oeste. Nesse caso, as duas regiões apresentam evoluções diferenciadas no Coeficiente de Especialização. Enquanto o Sul se especializa o Centro-Oeste se diversifica. Vale destacar que a região Sul foi a única a apresentar evolução do CE no período de 1995 a 2000. Assim, as regiões brasileiras, com exceção do Sul do país, têm convergido em direção à diversificação.

Já o Sudeste destacou-se como o mais diversificado em todo o período estudado, comprovando a tese de que é nessa região que se concentra o maior potencial de mercado, conforme estudos de Azzoni e Capelato (1996). Na Figura 6 nota-se que apesar da região Sul ter apresentado um nível de especialização bem significativo em 2000 (Figura 5), não apresentou mudanças muito representativas na sua especialização.

Figura 5 - Reestruturação do Emprego (Cesp) Regional no Brasil (1985 a 2000).



Fonte: Resultado da Pesquisa.

Nota-se através da Figura 5 que foram as regiões Sudeste e Norte que apresentaram um grau de mudanças consideráveis na especialização regional. Essas duas regiões, juntamente com o Nordeste e o Sul apresentaram valores em decréscimo no período analisado. A região Centro-Oeste apresentou melhoras no seu coeficiente, sendo a região que ficou em terceiro lugar no período de 1995 a 2000.

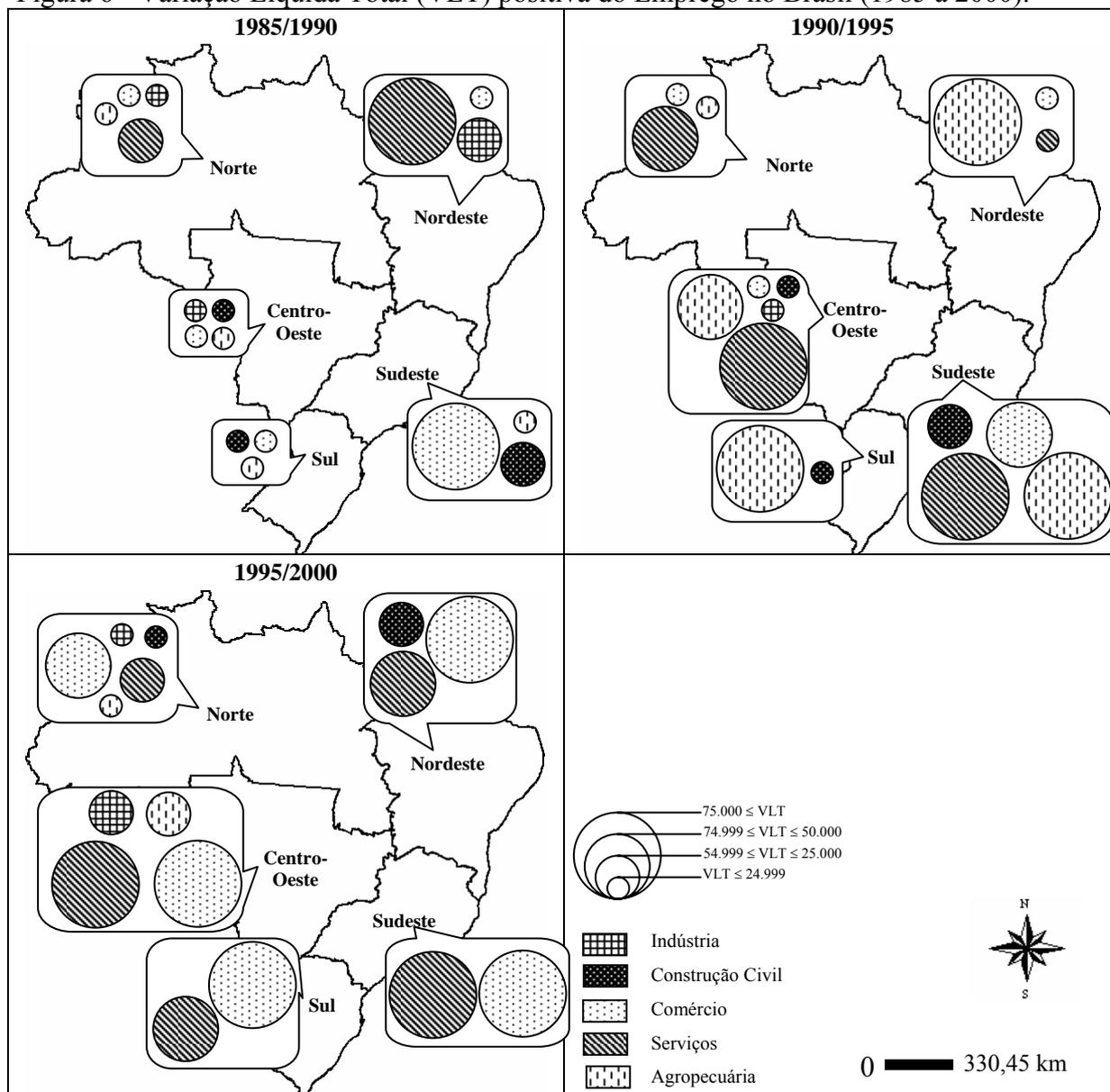
Em todo caso, a economia brasileira reestruturou-se de um modo geral. Entre 1985 e 1995, sua reestruturação reflete os impactos da abertura econômica, a partir de 1990, a estabilidade macroeconômica dos preços, conseguida com o plano real (1994), a entrada de investimentos externos diretos e a atração de novos investimentos industriais de grande porte por algumas regiões, dentre elas a região Sul e Nordeste (Siqueira e Siffert Filho, 2001).

4 - A DINÂMICA SETORIAL E ESTRUTURAL DAS REGIÕES BRASILEIRAS

A análise setorial-estrutural auxilia na compreensão da dinâmica setorial, ao indicar os setores responsáveis por essa dinâmica. Na Figura 6 são apresentados os índices de

Varição Líquida Total (VLT), que mostram a diferença entre o crescimento real do número de empregados setorial e aquele que as regiões teriam se crescessem na mesma proporção do país como um todo.

Figura 6 - Variação Líquida Total (VLT) positiva do Emprego no Brasil (1985 a 2000).



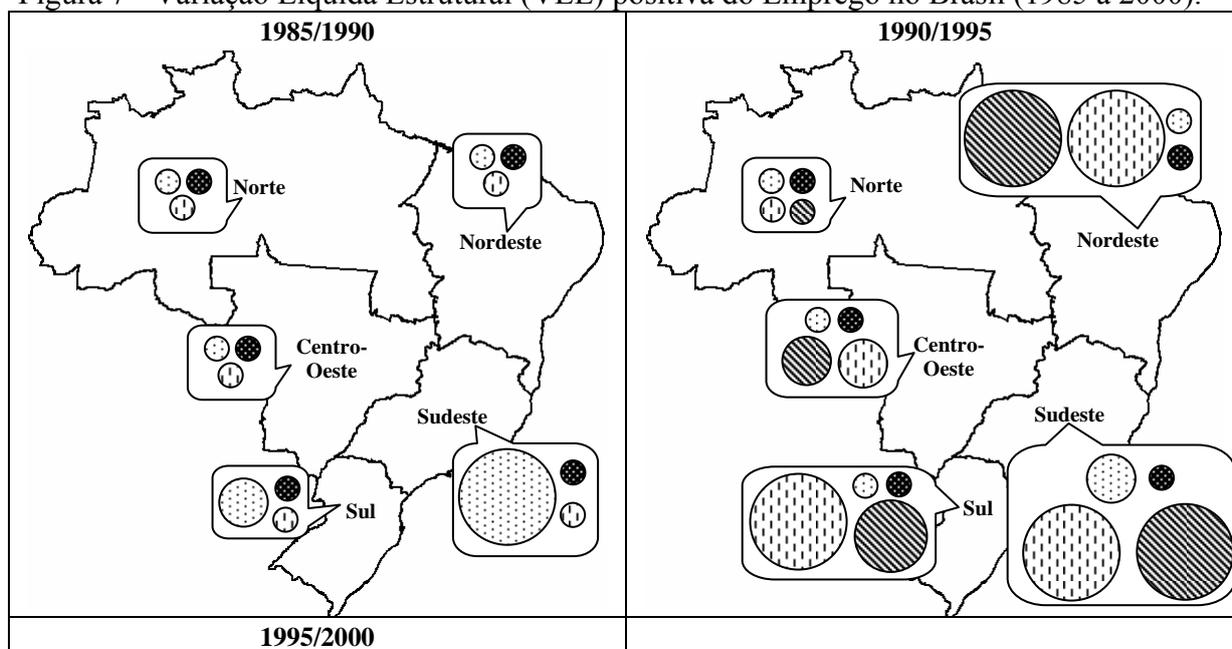
Fonte: Resultados da Pesquisa

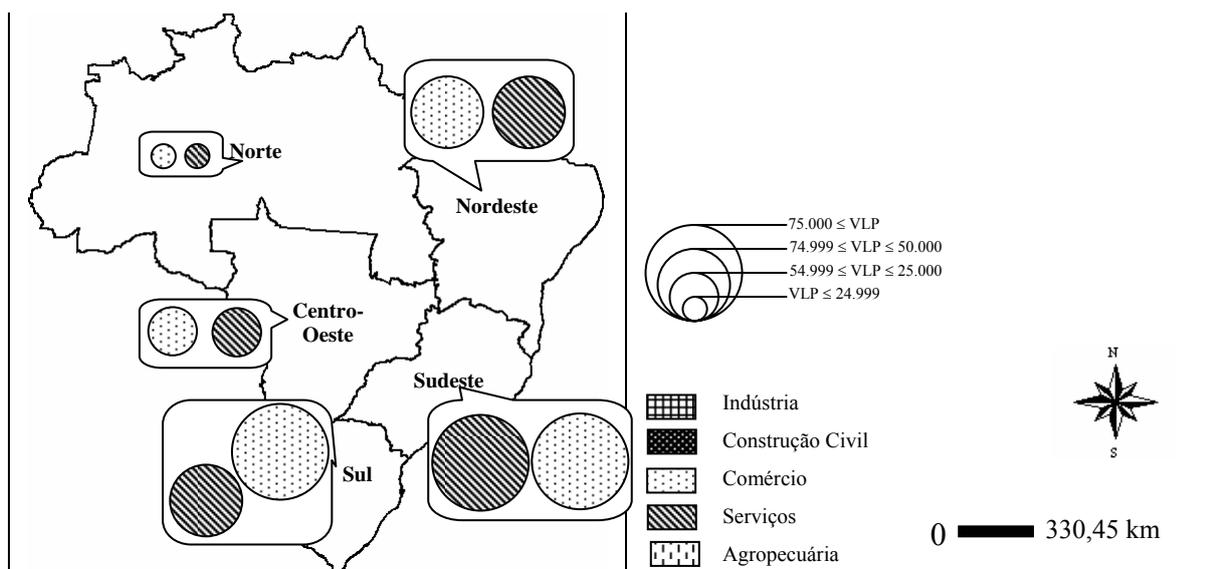
Pela Figura 6 notam-se quais foram os setores que cresceram com taxas superiores a do País como um todo. Observa-se que nas regiões Sudeste e Nordeste foi o setor comercial que apresentou maiores valores, denotando que este setor teve um crescimento superior em relação às demais regiões absorvendo mão-de-obra no período de 1995 a 2000. Na região

Norte todos os setores apresentaram valores positivos no último período estudado. Na região Sul os setores de serviços e comércio foram os mais representativos.

Deve-se ressaltar que a economia da região Centro-Oeste vem crescendo a ritmos semelhantes ao do País. O setor mais importante da economia desta região é a agroindústria. Além disso, ela é a maior produtora de soja, sorgo, algodão em pluma e girassol, que são em grande parte absorvidos por seu complexo produtivo. A produção de arroz, milho e o rebanho de bovinos também são muito significativos na região. As principais indústrias são do setor de alimentos e de produtos como adubos, fertilizantes e rações, além de frigoríficos e abatedouros (Castro e Fonseca, 1995). Essas informações podem ser complementadas com alguns dados sobre a estrutura ocupacional e o dinamismo setorial das regiões brasileiras, que pode ser observado na Variação Líquida Estrutural (VLE), Figura 7.

Figura 7 - Variação Líquida Estrutural (VLE) positiva do Emprego no Brasil (1985 a 2000).





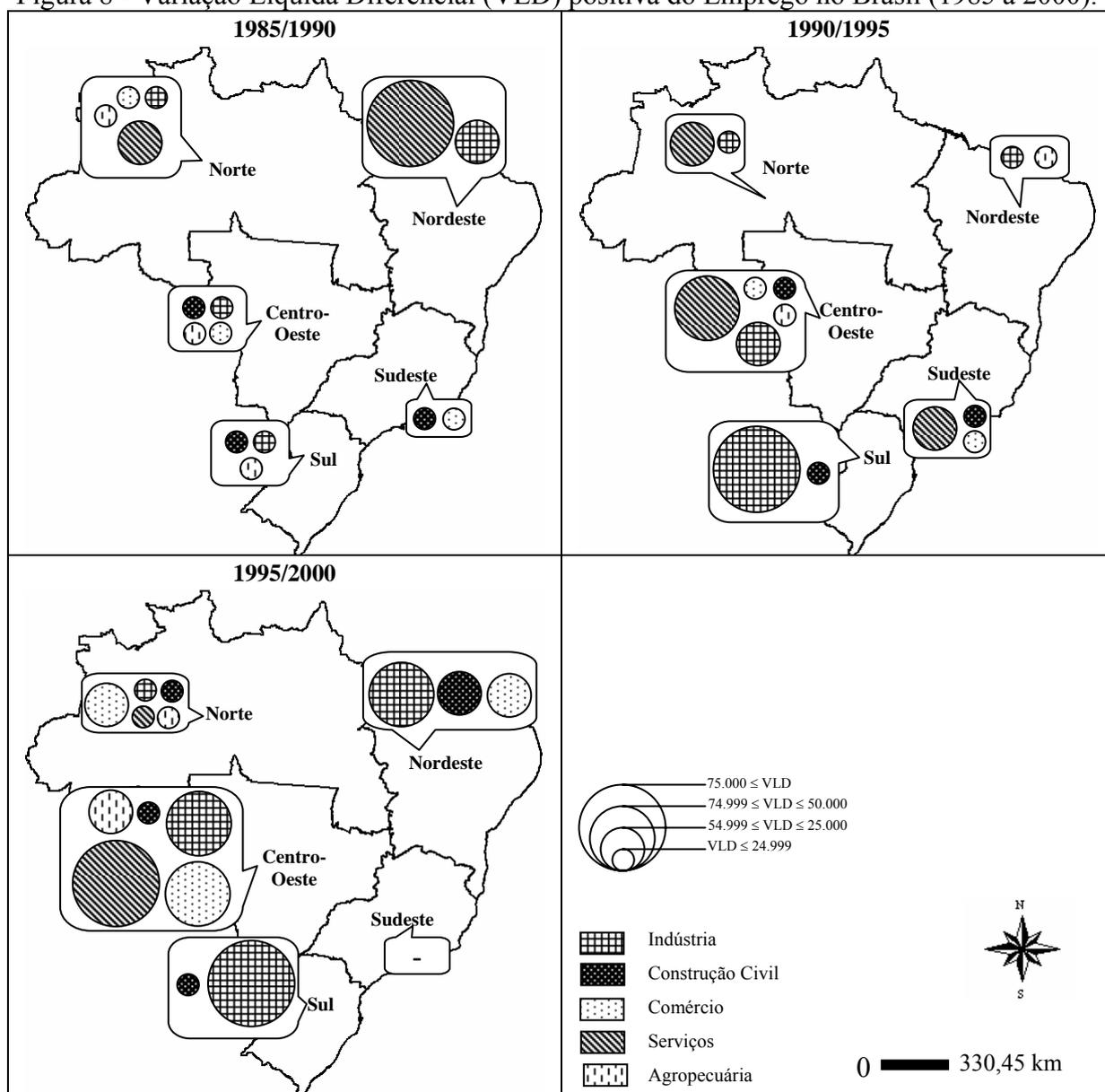
Fonte: Resultados da Pesquisa

Nota-se na Figura 7 que o setor comercial da região Sudeste foi o mais representativo no período de 1995 a 2000, confirmando os dados da Figura 6. A região Sul também se destacou no setor comercial. O setor de serviços teve maior representatividade nas regiões Sudeste e Nordeste. No caso da região Nordeste ela apresentou um impulso significativo nos últimos anos. Analisando o período de 1985 a 1990 (período que a região apresentou a maior VLT do setor) o setor apresentou aumento na ordem de 12,7% no seu Produto Interno Bruto nominal (PIB nominal) (Lavina, Garcia & Amaral, 1997).

Ressalta-se que, pelos dados da Figura 7, a economia brasileira foi dinamizada, no geral, pelos setores da construção civil, comércio e agropecuária no período de 1985 a 1990; pelos setores da construção civil, comércio, serviços e agropecuária no período de 1990 a 2000; e pelos setores do comércio e serviços no período de 1995 a 2000.

Esses fatos também são destacados pelo cálculo da Variação Líquida Diferencial (VLD), na Figura 8.

Figura 8 - Variação Líquida Diferencial (VLD) positiva do Emprego no Brasil (1985 a 2000).



Fonte: Resultados da Pesquisa

Através da Figura 8, apresentam-se os setores que obtiveram um crescimento superior ao do país, mas em decorrência de fatores essencialmente locais, como por exemplo, uma maior concentração de empregados em um determinado setor da região. Nota-se que a região Sul apresentou os maiores valores no setor industrial, apresentando aumentos em todos os períodos analisados. A região Centro-Oeste foi o que apresentou o maior número de valores positivos e com aumentos na maioria dos períodos, mostrando que esta região possui fatores locais que auxiliam no desenvolvimento de alguns setores. Com isso, pode-se afirmar que os setores que apresentaram valores positivos vêm obtendo taxas de crescimento superiores às taxas nacionais.

5 – CONCLUSÃO:

O objetivo geral do presente artigo foi analisar o desempenho setorial das regiões brasileiras em relação ao Brasil, no período de 1985 a 2000. Analisou-se, através de um instrumental de análise regional, os desempenhos das cinco regiões geográficas que compõem o país no tocante aos seus setores, detectando os mais dinâmicos.

Pela análise, pode-se perceber que a economia brasileira vem se reestruturando ao longo dos anos. Essa reestruturação foi mais significativa entre 1985 e 1995. Nesse período, a economia nacional passou por profundas transformações, dentre as quais pode-se citar a estabilização dos preços, a abertura comercial, as mudanças na política cambial e a entrada de investimentos externos diretos.

Além disso, o setor agroindustrial teve um grande impulso, principalmente nas regiões Sul e Centro-Oeste. As marcas desse impulso foram a expansão da produção agropecuária no Cerrado, o aumento da capacidade instalada das indústrias de carnes e embutidos no Paraná e Rio Grande do Sul e o aumento do consumo de insumos na cadeia produtiva da carne. Além disso, o aumento das exportações para o Oriente Médio e a Ásia contribuíram para o aumento na produção e ocupação de mão-de-obra nessas regiões.

Deve-se salientar, que a região Sul expandiu consideravelmente seu potencial metal-mecânico com a criação do complexo automobilístico em São José dos Pinhais e Campo Largo (PR) e em Gravataí (RS).

No entanto, a região Sul não foi a única beneficiada com a reestruturação espacial da economia brasileira. As outras regiões também alteraram seu perfil locacional. A região Sudeste teve um avanço considerável na produção de tecnologia de ponta, principalmente aeroespacial, além de continuar extremamente dinâmica em relação às outras regiões. Assim, a desconcentração da região metropolitana de São Paulo não significou uma deslocalização da indústria paulista, mas a transferência das atividades de transformação em sub-regiões localizadas no próprio Estado ou na sua periferia. De certa forma os novos investimentos no Paraná, principalmente no norte do Estado, no sudeste de Minas Gerais e no litoral fluminense refletem essa tendência.

Já as regiões Norte e Nordeste ampliaram a produção de bens manufaturados que utilizam mão-de-obra de baixa qualificação, dentre elas a produção têxtil, de calçados, a extração de minerais e a expansão das atividades turísticas. Saliente-se os investimentos no complexo automobilístico e petroquímico na Bahia. No entanto, essas regiões ainda têm muitos desafios pela frente, dentre eles, a recuperação e ampliação da infra-estrutura disponível, a ampliação da qualificação da mão-de-obra, melhorias mais profundas nos indicadores sociais, ampliação da área cultivável, etc. Em todo caso, dada as informações apresentadas na análise diferencial-estrutural, essas regiões vem demonstrando uma tendência ao crescimento econômico nos últimos anos, apesar das dificuldades que vem enfrentando em termos de investimentos e de melhoria na qualidade de vida.

Em resumo, os resultados da análise apontam uma tendência de redistribuição setorial do emprego entre as regiões brasileiras. No caso particular do Norte e Centro-Oeste, o setor primário ganha postos de trabalho em função da fronteira agrícola móvel e a expansão da agroindústria. A região Sul, apesar do esgotamento da fronteira agrícola nos anos 1970, tem nas agroindústrias de carnes, lácteos, oleaginosas, madeira e têxtil como grandes atratores de mão-de-obra de diferentes níveis de qualificação.

Portanto, nota-se que houve transformações consideráveis na estrutura setorial da economia brasileira no final do século XX. Essas transformações não foram maiores dadas a fragilidade macroeconômica da estabilização e o movimento da economia internacional. Sem contar os problemas energéticos que afetaram diretamente o Nordeste e o Sudeste. Assim, quando resolvidos os problemas macroeconômicos brasileiros de aguda dependência externa e os gastos em infra-estrutura e educação avançarem, a dinâmica setorial das regiões brasileiras demonstrará que uma nova espacialização da economia está em curso no Brasil. Nessa espacialização, as regiões periféricas serão responsáveis por uma dinâmica particular centrada nas vocações regionais e em novos investimentos de grupos locais.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, A. C.; FONSECA, M. G. D. **A dinâmica agroindustrial do Centro-Oeste**. Brasília: IPEA, 1995.

COSTA, J. S. (Coord.). **Compêndio de Economia Regional**. APDR. Coimbra: Gráfica de Coimbra Lda., Lisboa: APDR, 2002.

DESBIENS, Y.; FERRERA DE LIMA, J. Cadrage du développement Regional. **Revista Interfaces**. Brasil/Canadá. nº 4, p. 179-192, 2004.

DINIZ, C.C. A nova configuração urbano-industrial do Brasil. KON, Anita (org). **Unidade e Fragmentação: A questão regional no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, p.87-116, 2002.

EL BEKRI, F. Disparités régionales et développement en Tunisie. **Revue d'Économie Urbaine et Régionale (RERU)**, v. 5, n° 2p. 877-914, 2000.

FERRERA DE LIMA, J. **Méthode d'Analyse Regionale: Indicateurs de Localisation, de Structuration et de Changement Spatial**. Saguenay, Canadá : UQAC/GRIR, 2006.

FERRERA DE LIMA, J. ; ALVES, L. R.; PEREIRA, S. M.; SOUZA, E.; RODRIGUEZ Jr, E. O Comportamento Locacional da Mão-de-Obra na Região Sudeste do Brasil: Notas Comparativas a Partir dos Indicadores de Análise Regional. In: XLIV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural SOBER. **Anais do XLIV Congresso da SOBER**. Brasília: SOBER, v. 1, p. 1-20, 2006.

HADDAD, J. H. (Org.). **Economia regional: teoria e métodos de análise**. Fortaleza. BNB/ETIENE, 1989.

LAMARCHE, R. H.; SRINATH, K. P.; RAY, D. M. Correct partitioning of regional growth rates: improvements in shift-share theory. In: **Canadian Journal of Regional Science**. XXVI:1, p. 121-141, Spring, 2003.

LAVINA, L. ; GARCIA, E. H. ; AMARAL, M. R. **Desigualdades regionais: indicadores socioeconômicos nos anos 90**. Rio de Janeiro: IPEA, 1997. (Texto para discussão, 460).

MARTINE, G. e DINIZ, C. . Concentração econômica e demográfica no Brasil: recente inversão do padrão histórico. **Revista de Economia Política**, vol. 11. n° 3 (43), p. 121-135, julho-dezembro, 1991.

PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R.; PIFFER, M.; STAMM, C. Análise regional dos municípios lindeiros ao lago da Usina Hidroelétrica de Itaipu. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS, 2, 2002, São Paulo, **Anais...** São Paulo: ABER, 2002. 1 CD-ROM.

PUMAIN, D.; SAINT-JULIEN, T. **L'analyse spatiale: localizations dans l'espace**. Paris: Armand Colin, 1997.

Relação Anual de informações Sociais - RAIS. **Ministério do Trabalho do Brasil**. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>, Acesso em: 2 mar. 2005

SIQUEIRA, T. V.; SIFFERT FILHO, N. F. Desenvolvimento regional no Brasil: tendências e novas perspectivas. **Revista do BNDES**. Rio de Janeiro, v. 8, n° 16, p. 79-118, dez. 2001.

SOUZA, N. J.; SOUZA, R.B. Dinâmica estrutural-diferencial da região Metropolitana de Porto Alegre, 1990-2000. **Revista de Economia**. Curitiba, vol.30, n°02, p.121-144, julho/dezembro, 2004.

ANEXOS:**Anexo I - Quociente Locacional das regiões Brasileiras - 1985/2000**

Setores	Norte				Nordeste				Sudeste				Sul				Centro-oeste			
	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000
Indústria	0,74	0,77	0,75	0,78	0,69	0,71	0,72	0,75	1,13	1,12	1,08	1,03	1,12	1,14	1,27	1,40	0,35	0,38	0,45	0,53
Const. Civil	1,45	0,92	0,82	1,11	1,33	1,16	0,94	1,14	0,96	1,01	1,07	0,99	0,71	0,79	0,86	0,88	1,13	1,13	1,06	0,95
Comércio	0,86	0,87	0,82	0,94	0,89	0,86	0,86	0,89	0,99	1,01	1,03	1,04	1,18	1,13	1,09	1,05	0,99	0,97	0,90	0,93
Serviços	1,15	1,17	1,21	1,13	1,17	1,18	1,16	1,12	0,94	0,93	0,95	0,98	0,91	0,91	0,87	0,85	1,34	1,32	1,24	1,16
Agropecuária	0,67	0,79	0,50	0,53	0,99	0,91	1,04	0,95	1,00	0,98	0,98	0,99	1,05	1,09	1,04	0,98	1,10	1,28	1,21	1,48

Fonte: Resultados da Pesquisa

Anexo II - Coeficiente de Redistribuição

Região	Anos		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	0,3884	0,3630	0,2953
Construção Civil	0,4089	0,3978	0,3911
Comércio	0,3299	0,3268	0,2967
Serviços	0,9826	0,9846	0,9744
Agropecuária	0,4598	0,4561	0,3978

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo III - Coeficiente de Localização no Período de 1985/1990/1995/2000

Atividade	Anos			
	1985	1990	1995	2000
Indústria	0,0966	0,0928	0,0921	0,0881
Construção Civil	0,0745	0,0394	0,0406	0,0284
Comércio	0,0313	0,0298	0,0354	0,0272
Serviços	0,0521	0,0543	0,0494	0,0375
Agropecuária	0,0139	0,0324	0,0280	0,0379

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo IV - Coeficiente de Especialização no Período de 1985/1990/1995/2000

Região	Ano			
	1985	1990	1995	2000
Norte	0,0983	0,0893	0,1134	0,0742
Nordeste	0,1035	0,1009	0,0865	0,0702
Sudeste	0,0370	0,0358	0,0267	0,0127
Sul	0,0600	0,0571	0,0762	0,0871
Centro-Oeste	0,1873	0,1759	0,1386	0,1088
Brasil	0,5682	0,4591	0,5491	0,3530

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo V - Quociente de Reestruturação no Período de 1985/1990/1995/2000

Região	Anos		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Norte	0,0215	0,0486	0,0445
Nordeste	0,0058	0,0406	0,0257
Sudeste	0,0154	0,0615	0,0486
Sul	0,0067	0,0299	0,0165
Centro-Oeste	0,0157	0,0299	0,0327
Brasil	0,0095	0,0467	0,0337

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo VI - Variação Líquida Total (VLT) no período de 1985/1990/1995/2000

continua

Atividade	Norte			Nordeste			Sudeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	10.431,39	-28.024,36	968,11	30.064,05	-126.444,30	-33.364,83	-207.160,86	-873.731,63	-707.041,88
Construção C.	-13.971,97	-1.380,18	12.986,99	-10.192,13	-36.667,69	27.258,73	38.971,00	39.732,73	-134.473,13
Comércio	11.321,19	879,46	50.543,99	20.654,55	10.061,53	109.940,35	110.706,93	51.323,97	201.567,33
Serviços	34.201,45	60.893,31	31.189,63	89.625,13	6.939,92	64.267,48	-140.041,53	241.790,27	74.033,30
Agropecuária	2.489,61	7.355,40	2.327,38	-526,53	108.016,75	-18.341,65	1.252,93	325.303,91	-50.175,81

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo VI - Variação Líquida Total (VLT) no período de 1985/1990/1995/2000

conclusão

Atividade	Sul			Centro-oeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	-21.023,16	-90.425,09	-21.200,62	8.993,80	21.059,01	35.058,60
Construção Civil	16.491,70	18.322,55	-9.567,09	3.278,61	6.798,15	-4.501,71
Comércio	2.498,46	-1.368,11	78.061,34	9.763,82	16.070,95	83.252,85
Serviços	-5.097,97	-13.953,49	46.636,50	-3.435,22	101.082,99	144.568,14
Agropecuária	5.378,71	104.354,80	-16.898,38	5.326,48	52.012,11	32.898,42

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo VII - Variação Líquida Proporcional (VLP) no período de 1985/1990/1995/2000

continua

Atividade	Norte			Nordeste			Sudeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	-4.529,30	-30.593,72	-20.571,12	-19.217,78	-127.176,23	-84.172,31	-116.563,05	-699.139,13	-438.660,94
Construção C.	1.721,44	896,03	-3.391,26	7.179,37	5.080,32	-16.329,02	19.090,91	15.355,43	-64.487,32
Comércio	4.539,25	2.430,02	16.280,91	21.639,68	10.723,78	72.816,88	88.111,09	44.351,77	302.680,28
Serviços	-974,07	16.859,91	16.579,58	-4.539,04	76.098,81	67.216,74	-13.383,52	210.085,31	191.894,20
Agropecuária	318,18	17.120,72	-951,80	2.169,41	88.717,21	-8.421,12	8.012,84	332.801,59	-27.602,00

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo VII - Variação Líquida Proporcional (VLP) no período de 1985/1990/1995/2000

conclusão

Atividade	Sul			Centro-oeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	-34.716,87	-215.773,31	-159.533,97	-3.669,08	-24.884,07	-22.641,13
Construção Civil	4.267,32	3.649,74	-16.219,97	2.318,06	1.823,88	-7.868,57
Comércio	31.619,79	14.954,39	99.130,68	9.035,02	4.506,85	32.458,24
Serviços	-3.886,66	62.267,85	54.441,95	-1.964,40	31.441,04	30.563,64
Agropecuária	2.514,47	112.415,69	-9.047,63	907,35	45.985,04	-4.166,46

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo VIII - VARIAÇÃO LÍQUIDA DIFERENCIAL (VLD) NO PERÍODO DE 1985/1990/1995/2000

continua

Atividade	Norte			Nordeste			Sudeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	14.960,68	2.569,37	21.539,23	49.281,79	731,93	50.807,52	-90.597,91	-174.592,42	-268.380,91
Construção C.	-15.693,42	-2.276,21	16.378,24	-17.371,50	-41.748,01	43.587,75	19.880,10	24.377,32	-69.985,80
Comércio	6.781,94	-1.550,56	34.263,07	-985,12	-662,24	37.123,46	22.595,88	6.972,25	-101.112,87
Serviços	35.175,51	44.033,38	14.610,06	94.164,14	-69.158,95	-2.949,17	-126.658,23	31.704,68	-117.861,09
Agropecuária	2.171,44	-9.765,33	3.279,17	-2.695,93	19.299,55	-9.920,52	-6.759,90	-7.497,70	-22.573,82

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo VIII - VARIAÇÃO LÍQUIDA DIFERENCIAL (VLD) NO PERÍODO DE 1985/1990/1995/2000

conclusão

Atividade	Sul			Centro-oeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	13.693,71	125.348,29	138.333,30	12.662,88	45.943,09	57.699,73
Construção Civil	12.224,39	14.672,81	6.652,88	960,55	4.974,27	3.366,87
Comércio	-29.121,33	-16.322,49	-21.069,31	728,80	11.564,10	50.794,61
Serviços	-1.211,27	-76.221,30	-7.805,40	-1.470,80	69.641,92	114.004,45
Agropecuária	2.864,24	-8.060,88	-7.850,75	4.419,13	6.027,08	37.064,88

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo IX - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO NÚMERO DE EMPREGADOS ENTRE AS REGIÕES DO BRASIL – 1985/1990/1995/2000

continuação

Setores	Norte				Nordeste				Sudeste			
	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000
Indústria	2,53	2,79	2,84	3,24	10,75	11,59	11,60	12,56	65,23	63,70	60,46	55,38
Construção Civil	4,98	3,34	3,13	4,63	20,76	18,95	15,08	19,06	55,21	57,28	59,55	53,15
Comércio	2,93	3,16	3,11	3,92	13,97	13,93	13,91	14,79	56,87	57,62	57,83	55,46
Serviços	3,94	4,25	4,60	4,70	18,34	19,18	18,64	18,61	54,08	52,95	53,20	52,39
Agropecuária	2,29	2,87	1,90	2,20	15,58	14,86	16,78	15,85	57,55	55,74	55,00	52,89
Total das Atividades	3,42	3,63	3,80	4,17	15,67	16,27	16,11	16,68	57,72	56,81	55,89	53,54

FONTE: Resultado da Pesquisa

Anexo IX - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO NÚMERO DE EMPREGADOS ENTRE AS REGIÕES DO BRASIL – 1985/1990/1995/2000

conclusão

Setores	Sul				Centro-oeste				Brasil			
	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000
Indústria	19,43	19,66	21,99	24,60	2,05	2,27	3,12	4,21	100,00	100,00	100,00	100,00
Construção Civil	12,34	13,62	14,98	15,59	6,70	6,80	7,27	7,57	100,00	100,00	100,00	100,00
Comércio	20,41	19,43	18,94	18,45	5,83	5,86	6,20	7,40	100,00	100,00	100,00	100,00
Serviços	15,71	15,69	15,09	15,04	7,94	7,92	8,47	9,26	100,00	100,00	100,00	100,00
Agropecuária	18,06	18,83	18,03	17,29	6,52	7,70	8,30	11,76	100,00	100,00	100,00	100,00
Total das Atividades	17,28	17,27	17,34	17,63	5,91	6,02	6,86	7,97	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Resultado da Pesquisa